

# O SIGNIFICADO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA RELAÇÃO PAIS/ADOLESCENTES<sup>1</sup>

## THE IMPORTANCE OF SEXUAL EDUCATION IN PARENTS / ADOLESCENT'S RELATIONSHIP

## EL SIGNIFICADO DE LA EDUCACIÓN SEXUAL EN LA RELACIÓN PADRES/ADOLESCENTES

Maria Cristina Pinto de Jesus<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Trata-se de um estudo fundamentado na Sociologia Fenomenológica de Alfred Schütz, o qual teve como propósito compreender o típico da ação de pais e adolescentes frente à educação para a vida sexual. Os depoimentos obtidos por meio de entrevista fenomenológica permitiram a compreensão dos tipos vividos "pais que educam adolescentes para a vida sexual" e "adolescente que é educado para a vida sexual". A análise comparativa entre esses dois tipos constituídos possibilitou identificar a necessidade de implementação do diálogo sobre a vida sexual na relação pais/adolescentes, com vistas a iniciação sexual segura e feliz. A teoria compreensiva da ação social de Schütz foi apresentada, nesse estudo, como uma estratégia de educação em saúde, ao considerarmos, como aponta esse autor, a necessidade de se buscar junto à pessoa seus motivos existenciais, que levam a um comportamento social frente às questões sexuais.

---

**PALAVRAS CHAVE:** educação sexual, educação em saúde, Enfermagem, Fenomenologia

### CONSIDERAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

Independente da dimensão focalizada, a sexualidade vem sendo discutida, historicamente, sob diferentes perspectivas e visões: na Antigüidade, predominantemente, por filósofos; na Idade Média, por representantes da Igreja; e, a partir da Modernidade, por filósofos e cientistas, revelando-se de forma ora exaltada, ora reprimida, mas sempre presente nas relações entre os seres humanos.

As rápidas transformações ocorridas nas últimas décadas na área da tecnologia e no processo de urbanização, que trouxeram conseqüências sociais, especialmente na família - quanto à sua constituição e modos de transmissão de valores - precisam ser apontadas hoje, ao se focalizar a educação sexual<sup>3</sup>.

Dentre os meios de comunicação de massa, a televisão, em especial, segundo *Vitiello*

---

<sup>1</sup> Texto baseado na tese de doutorado da autora: *A educação sexual na vida cotidiana de pais e adolescentes*.

<sup>2</sup> *Enfermeira, Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Básica da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora; com Certificado de Qualificação em Educação Sexual pela Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana - SBRASH.*

<sup>3</sup> *Educação sexual como "processo de socialização em que as pessoas transmitem a cultura sexual às novas gerações com o objetivo de integrá-las ao contexto cultural de seu grupo...[levando-as] à mudança, segundo seus próprios modos de pensar, sentir e agir" (Cavalcanti, R. da C. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, p.168).*

(1995), constitui um dos fatores modificadores da sociedade pela influência que pode exercer no modo de viver das pessoas, principalmente de crianças e adolescentes; e, em relação a essa influência, o autor realça a ligada à sexualidade.

Tais mudanças vêm sendo discutidas por especialistas no assunto; contudo, estudos como os de Guimarães (1995), Cabral (1995), Vitiello (1994) e Tiba (1994) apontam um descompasso entre o que se discute sobre essas mudanças de valores na área da sexualidade e as ações de educação sexual, não só na família como na escola.

As dificuldades relatadas pelos pais no que concerne à discussão com seus filhos sobre assuntos ligados à sexualidade, principalmente a partir da adolescência, parecem ter impulsionado a escola a assumir parte dessa responsabilidade.

Enquanto espaço formal, a escola tem sido pensada por especialistas no assunto como local apropriado para fornecer informações e para trabalhar as questões ligadas à sexualidade.

Acredito ser a escola um espaço social significativo para onde o adolescente pode levar suas experiências de vida, suas curiosidades, fantasias, dúvidas e inquietações sobre a sexualidade. Entretanto, penso que, permeando as ações implementadas pela escola em relação à orientação sexual<sup>4</sup> de crianças e adolescentes, devam-se oportunizar momentos de reflexão aos educadores para que pensem seus próprios valores, considerando que o despreparo desses profissionais para tratar a temática em sala de aula, ainda prevalece.

Especialistas em educação sexual acreditam que a carência de conhecimentos e a crença em mitos e tabus nessa área possam ser atenuadas se forem promovidas e difundidas discussões sistemáticas sobre a sexualidade, em disciplinas que abordem sexualidade e educação, tanto na escola do ensino fundamental como em cursos de graduação.

Por outro lado, a família, considerada uma estrutura social relevante para que seus membros em crescimento e desenvolvimento se eduquem, especialmente no tocante à sexualidade, tem-se mostrado impotente para atuar na educação sexual dos mesmos frente às dificuldades que as pessoas relatam no trato das questões sexuais.

Muitos pais de adolescentes foram educados num ambiente de repressão às manifestações sexuais. Seus pais preferiam não tocar no assunto e, na escola, professores de biologia se limitavam a descrever a função reprodutiva dos órgãos sexuais, sem abordar suas funções na resposta sexual humana.

Não se pode deixar de considerar a força milenar da repressão à sexualidade humana, interferindo no comportamento das pessoas, em algumas épocas menos e em outras mais; e, ainda hoje, desencadeando uma luta interior entre os preconceitos herdados de seus antepassados e a perspectiva de viver a sexualidade plenamente, sem sentimentos de culpa ou medo.

Segundo a literatura, parece haver um consenso entre os estudiosos quanto à necessidade de se promover o diálogo e ampliar a discussão de questões referentes à sexualidade, primeiramente na família, prosseguindo na escola e em outros grupos sociais. O que se pode constatar em estudos e pesquisas na área é que ainda há grandes dificuldades por parte de adolescentes e adultos na abordagem da temática.

Ao aprofundar a temática na perspectiva fenomenológica, percebi que o planejamento

---

<sup>4</sup> No meio pedagógico, a orientação sexual é considerada um processo educativo em que os conhecimentos e experiências sobre as questões sexuais são transmitidos às pessoas de modo intencional e formal. Se contínua e duradoura, a orientação sexual poderá constituir-se parte da educação sexual. Independente do termo usado, educação sexual ou orientação sexual, a ação poderá ser a mesma, caso a postura do educador e seus objetivos sejam os mesmos, ou seja, se a pessoa for vista como sujeito, livre para pensar, sentir e agir frente aos novos conhecimentos, durante as ações educativas. Optei por adotar o termo educação sexual neste trabalho.

das ações de educar para a sexualidade não pode estar vinculado somente a motivos ideológicos, morais, que ditam normas e costumes entre as pessoas, visando ao controle da liberdade humana, mas focalizando a compreensão do significado dessas ações na vivência da consciência das pessoas diretamente envolvidas, pais e adolescentes, deixando de lado a educação sexual enquanto fato em si mesma.

Assim, meu pré-reflexivo, nesta pesquisa, iniciou-se com a necessidade de desvelar o que pode estar oculto no fenômeno educar para a sexualidade e, ainda, como se dá a vivência intersubjetiva<sup>5</sup> da relação face a face desses pais e adolescentes nas questões sexuais.

Nesse sentido, a compreensão da educação sexual, enquanto atividade humana, não pode estar dissociada do *mundo da vida*<sup>6</sup> e da reflexão acerca da vivência intersubjetiva nas questões sexuais que acontece na relação interpessoal.

## OBJETIVO DO ESTUDO

Minha intenção foi apreender a sexualidade como modo de comunicação entre as pessoas, considerando não só que as mesmas, ao educarem para a vida sexual, agem de modo consciente, intencional, no mundo da vida, mas também que as pessoas expressam em suas ações socialmente vividas, o significado dessa vivência.

Assim, busquei a compreensão do típico da vivência de pais e adolescentes em ações que envolvem a educação sexual.

## ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

### A SOCIOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE ALFRED SCHÜTZ

Alfred Schütz, sociólogo, discípulo de Weber na Sociologia Compreensiva, em sua teoria da ação social propõe uma investigação filosófica da natureza da ação social, recorrendo basicamente à obra de Edmund Husserl para trabalhar os conceitos de significado, compreensão e intersubjetividade.

Segundo Schütz, a estrutura significativa do mundo social somente pode deduzir-se a partir das características mais primitivas e gerais da consciência.

Assim, visa determinar a natureza precisa do fenômeno do significado mediante a análise da função constitutiva, chegando a conclusão de que *a ação é uma vivência guiada por um plano ou projeto que surge da atividade espontânea do sujeito, sendo distinguida de todas as outras vivências por um ato peculiar de atenção* (Schultz, 1972, p.243).

O autor propõe a investigação no mundo da vida, onde o homem olha para esse mundo do ponto de vista da atitude natural. Tendo nascido nesse mundo, que é social e cultural, o homem vive com seus congêneres e dá por certa a existência de objetos naturais. As pessoas interagem e compreendem a si próprias e aos outros na realidade social. No entanto, ressalta que somente a olhada reflexiva do observador eleva o conteúdo da consciência, do status pré-fenomenico até o fenomenico.

De acordo com Capalbo (1998, p.32), o fenomenólogo se volta para a atitude natural e estuda o que *já se encontra estruturado e de certo modo interpretado, pois a realidade social já*

---

<sup>5</sup>Em Schütz, quando falamos de vivência intersubjetiva, estamos nos referindo ao aspecto comum da vivência, que permite caracterizar um fenômeno, e não como intenção individual.

<sup>6</sup>Para Schütz, o mundo da vida é a esfera do dia-a-dia, mundo das minhas relações com os outros; onde as pessoas vivem, agem, atribuem valores e dirigem seus interesses para os outros que compartilham esse mundo.

*possui um sentido para os homens que vivem em seu seio.*

Para Schütz (1974, p. 23-24), a compreensão de uma determinada coisa só é possível ao reduzi-la a atividade que a criou e aos motivos que a originaram, somente sendo possível compreender a atividade humana, a partir da ação correspondente. Assim, a ação está determinada pelo projeto que inclui o *motivo-para* que é o propósito da ação e o *motivo-porque*, ou seja, a razão ou causa da ação. Ele apresenta o contexto motivacional como contexto de significatividade no qual se encontra uma determinada ação, em virtude de seu status como projeto ou ato de um sujeito.

O autor aponta a comunicação como modo de estabelecer e interpretar o significado subjetivo. Se pergunto ao outro por que fez determinada ação, estarei buscando o motivo "em vista de" dessa pessoa. *Todo o ato de comunicação tem como motivo-para o fim de que a pessoa a que se dirige tome conhecimento dela de certa maneira.* Busca-se o plano que existe por detrás da comunicação (Schultz, 1972, p.159).

Assim, só posso captar a vivência de um sujeito, se encontrar seu *motivo-para*. Esclareço seu projeto e, a seguir, num ato fantasioso, construo movimento por movimento, o modo como poderia efetuar-lo. Chama-se *motivo-para* da ação ou *motivo em vista de algo*, se o ato completado está no futuro, se pressuponho que o ato está sendo antecipado, imaginado. O projeto é formado com base nos atos passados análogos aos projetados, constituindo-se a *motivação-para* de um contexto de significados, que se constrói sobre o contexto de experiência disponível no momento da projeção (Schultz, 1972, p.119).

Podemos ir mais além do *motivo-para* e buscar o *motivo-porque*. O conhecimento do *motivo-porque* pressupõe o conhecimento do *motivo-para*. Vê-se primeiro o *motivo-para*, contexto subjetivo de significado, dando-se por certo como um objeto já constituído em si mesmo. O *motivo-porque* ou *motivo devido a algo* tem um caráter de pretericidade, só sendo possível apreendê-lo, quando olhamos, retrospectivamente, para a vivência motivada como algo inteiro e completo.

A *motivação-porque* se estrutura e constitui uma espécie de acúmulo de conhecimentos sociais que são transmitidos por nossos predecessores como herança cultural e de depósito de conhecimentos advindos da experiência pessoal.

Se pergunto ao sujeito o que ele propõe ao atuar de tal maneira, dirá que está fazendo para... ou, então, dirá que está fazendo porque... Assim, quando descobrimos os motivos de um homem, estamos descobrindo o significado subjetivo de sua ação.

Para interpretar a ação do ponto de vista do sujeito, ponto de vista subjetivo, Schütz indica um sistema objetivo de análise, cujos recursos metodológicos possam alcançar a estrutura subjetiva de sentido, ou seja, a tipologia do vivido – síntese de reconhecimento na qual reúne monoteticamente, em um enfoque, minhas próprias vivências conscientes de alguém -. Essas minhas vivências podem ter sido de uma pessoa ou de um grupo. Podem corresponder a pessoas definidas ou a pessoas anônimas. A essa síntese de reconhecimento, Schütz denomina de *tipo pessoal ideal* (Schultz, 1972, p.213).

A síntese de reconhecimento não é a pessoa única, tal como existe em seu presente vivente. É a representação da pessoa, tomando-a sempre a mesma e homogênea, deixando de lado as características individuais.

Assim, o *tipo vivido*<sup>7</sup> não corresponde a nenhuma pessoa em particular, trata-se de uma idealização. *Na síntese tipificante de reconhecimento, realizo um ato de anonimização no qual abstraio a vivência do marco da corrente da consciência e, portanto, a faço impessoal* (Schultz, 1972, p.215).

---

<sup>7</sup> Creusa Capalbo, filósofa brasileira, com profundos conhecimentos da obra de SCHÜTZ, denomina o "tipo pessoal ideal" de "tipo vivido", termo que passo a adotar na presente pesquisa.



De acordo com Schütz, os tipos vividos idealizados são esquemas interpretativos do mundo social, que fazem parte de nossa bagagem de conhecimento acerca do mundo, têm valor de significação e sempre tomamos elementos deles na relação interpessoal.

## TRAJETÓRIA DO ESTUDO

### APROXIMANDO DOS SUJEITOS

Fizeram parte do estudo adolescentes com idades entre 14 e 17 anos, matriculados no ensino fundamental de uma escola pública da periferia de Juiz de Fora, Minas Gerais, além de pais e mães de adolescentes de 5ª a 8ª séries.

A aproximação com os sujeitos foi facilitada pela relação de familiaridade que já existia entre mim e a comunidade escolar, face às atividades extracurriculares desenvolvidas junto à equipe multiprofissional no ambiente da escola.

Estabeleci com os sujeitos um momento de aproximação por meio de uma reunião geral com os pais e depois com os alunos; quando, então, explicitiei os propósitos da pesquisa, garanti o anonimato, informando sobre o uso de pseudônimos e obtive, formalmente, o consentimento em participar do estudo.

Primeiramente, interroguei os pais por meio de entrevistas individuais, segundo a abordagem fenomenológica, tendo a seguinte questão orientadora: Pai/Mãe, o que você tem em vista quando educa seus filhos para a vida sexual?

Para estabelecer o "Rapport" e visando a introduzir a temática para os sujeitos do estudo, coloquei, inicialmente, a questão: Como você faz para educar seus filhos para a vida sexual?

Num segundo momento, interroguei os adolescentes, seguindo a mesma dinâmica, independentemente de seus pais terem ou não participado do estudo, valendo-me da seguinte questão orientadora: Adolescente, o que você espera de seus pais em relação à sua educação para a vida sexual?

Para iniciar o diálogo e não direcionar para questão de os pais conversarem ou não sobre assuntos sexuais, perguntei aos adolescentes: Como é, na sua casa, o modo de agir de seus pais em relação à sua educação para a vida sexual?

Não estabeleci o número de pessoas a serem entrevistadas. Encerrei as entrevistas quando percebi a repetitividade dos motivos que impulsionam a ação dos sujeitos frente à educação sexual. Com isso, foram realizadas 12 (doze) entrevistas com os pais e 13 (treze) com os adolescentes.

### CATEGORIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS VIVÊNCIAS

A tipologia do vivido foi obtida conforme indicações de PARGA NINA (1976) quanto à organização e categorização do material obtido pelo pesquisador em Ciências Sociais e adotadas por *Tocantins* (1993); *Rodrigues* (1996):

- demorada leitura dos depoimentos, enquanto material não-estruturado para apreender a vivência motivada dos sujeitos envolvidos;
- identificação de categorias concretas que abrangiam os atos dos sujeitos em relação à educação sexual, a partir dos depoimentos analisados;
- agrupamentos de trechos das falas, ou seja, aspectos afins dos significados da ação de educar para a vida sexual que compõem as categorias concretas identificadas;
- estabelecimento dos significados do ato social **educar para a vida social**, a partir do típico das falas para alcançar a tipologia vivida.

## **Tipo vivido "pais que educam adolescentes para a vida sexual".**

Categorias referentes a motivação-para

### **DIÁLOGO**

Pais de adolescentes educam para a vida sexual com a intenção de conversar com os mesmos, o que lhes parece possível, sobre os assuntos sexuais, como se pode observar em suas falas:

*Minha educação é de esconder, de não falar, mas eu já falo alguma coisa sobre isso. Mãe Margarida*

*(...) alguma coisa tenho que explicar porque eles me perguntam. (...) falar espontaneamente não falo, fico sem jeito. (...) fico com vergonha. Eu e o pai delas damos conselhos para elas (...). Mãe Flor-de-Lis*

### **VIDA COM O OUTRO**

Preparar os adolescentes para escolher o melhor modo de viver a sexualidade com o outro, de modo pensado e não prematuro, constitui-se como típico da ação de pais frente à educação sexual de seus filhos adolescentes, de acordo com os depoimentos:

*Para minha filha, penso que ela não deve se entregar a ninguém(...). (...) ela não deve ter relações sexuais nova (...) deve esperar ter consciência do que é viver a sexualidade(...). Mãe Flor-de-Maio*

*Espero que eles encarem com responsabilidade (...) porque com tanta liberdade que se tem, eles acabam achando que é uma brincadeira que pode fazer literalmente (...). A hora deles não é essa, ainda vai chegar (...). Pai Miguel*

### **CASAMENTO**

Os pais de adolescentes têm em vista esperar que os adolescentes cheguem ao casamento, como modo tradicional de viver a sexualidade. Trechos de suas falas compõem essa categoria:

*(...) procurar ver se elas chegam ao casamento conforme manda a geração antiga (...). (...) vou fazer o máximo para que isso tudo aconteça, naturalmente (...) noivado, casamento. Tudo pode acontecer, mas vou estar sempre junto (...). Pai Gabriel*

*Eu queria que ela aproveitasse a vida dela, casasse direitinho. (...) tenho medo dela se envolver muito cedo com isso e aparecer gravidez. Não fui criada assim, então me preocupo com isso, demais. Mãe Avenca*

Categoria referente a motivação-porque

### **DESPREPARO**

Dos depoimentos de pais de adolescentes que, durante a interação com a pesquisadora voltaram-se retrospectivamente para a vivência da educação sexual, pude captar seus *motivos-porque*, constituindo a idéia de que existe uma dificuldade, em maior ou menor grau, de orientar os adolescentes para a vida sexual, já que os pais não tiveram a oportunidade de receber orientações sobre assuntos sexuais.

*É um momento difícil. Não é um momento fácil (...). Antigamente não tinha nada. Nós aprendíamos na rua. Hoje em dia, está muito relativo, entende? (...) eu e minha esposa ficamos enrolados, ficamos sem jeito para responder. Pai Arcanjo*

*(...) a gente não aprendeu, então, é difícil passar para eles (...). Na minha época, minha mãe, nossa senhora! Não podia nem comentar, nada (...) Mão Sempre-Viva*

As categorias concretas, constituídas a partir do sentido da ação subjetiva, permitiram descrever o tipo vivido, "pais que educam adolescentes para a vida sexual", como sendo a  **pessoa que deseja conversar com os adolescentes sobre os assuntos sexuais, preparando-os para viver a sexualidade com o outro, de modo pensado e não prematuro, se possível, dentro do casamento, sendo as dificuldades na promoção do diálogo com os filhos, seja em maior ou menor grau, justificadas pelo não recebimento, por parte de seus pais e mestres, das orientações sobre a vida sexual.**

**Tipo vivido "adolescente que é educado para a vida sexual".**

Categorias referentes a motivação-para

#### **RELAÇÃO COMUNICATIVA**

Adolescentes, ao serem educados para a vida sexual, têm como projeto viver uma relação comunicativa pais/filhos em assuntos sexuais. A necessidade de uma comunicação mais efetiva frente às questões sexuais na convivência diária entre pais e adolescentes ficou evidente em suas falas:

*(...) se eles chegassem perto de mim e falassem, seria melhor, mas eu não ligo não. Renan*

*Eu queria que, sem ser preciso perguntar, ela me respondesse, ela falasse. Aí eu não ia ficar tão insegura como eu sou (...). Fafá*

#### **ATO SEXUAL**

Na relação pais e filhos os *motivos-para* de adolescentes frente às questões de educação para a vida sexual convergiram para aguardar que os pais informem sobre o ato sexual, já que os adolescentes consideram seus pais mais vividos e experientes. Os depoimentos abaixo apontam para essa convergência:

*Tenho pouca experiência no negócio; se eles conversarem mais comigo, (...) na hora de fazer, vou saber mais legal (...). Dado*

*Espero que eles me orientem muito, porque fico com medo de fazer alguma coisa errada (...) Eles nunca falam assim, certinho (...). Marce*

Categoria referente a motivação-porque

#### **DESINFORMAÇÃO**

A falta de orientação dos pais aos adolescentes antes da iniciação sexual, gerando medo, insegurança e dúvidas sobre a vida sexual emergiu dos depoimentos de adolescentes mais velhos, durante a interação com a pesquisadora, quando os mesmos refletiram, retrospectivamente, sobre suas vivências em ações de educação sexual.

Esses adolescentes dizem, agora, que não desejam as orientações dos pais nas questões sexuais, porque, neste momento de suas vidas, já obtiveram com amigos e outras pessoas informações que julgam necessárias para viver a sexualidade.

*Agora é tarde para eles me ajudarem com orientações; eles tinham que ter me ajudado quando eu estava mais novo, com 12 anos. Eu achava que meu pai tinha que chegar perto de mim e ter me explicado.* Renan

*Agora não espero mais nada. Já sei tudo mesmo. Esperava antes, quando era mais novo e não sabia nada (...)* Luiz

As categorias concretas constituídas permitiram descrever o tipo vivido, "adolescente que é educado para a vida sexual", como sendo **aquele que deseja viver uma relação comunicativa com seus pais, para receber informações sobre a vida sexual, porque sentiu necessidade dessas orientações antes da iniciação sexual.**

## ANÁLISE COMPREENSIVA

### Compreendendo as vivências tipificadas de pais que educam adolescentes para a vida sexual

A partir da fenomenologia social, interessa analisar as estruturas implicadas na compreensão da outra pessoa, segundo os *motivos-para* e *motivos porque* que conduzem a ação, tratando das relações sociais sem emitir juízo de valor.

Da exteriorização do pensamento dos pais sobre como é educar seus filhos adolescentes para a vida sexual, emergiu a categoria **DESPREPARO**, constituída a partir da subjetividade da relação interativa pesquisadora e sujeito da ação.

Ao questionar como é que esses pais agem para educar seus filhos adolescentes para a vida sexual, veio à tona uma estrutura comum de dificuldades para tratar da sexualidade no âmbito familiar. Percebi que essa dificuldade é maior para uns e menor para outros pais.

Pude compreender que as pessoas buscam refletir sobre o porquê têm dificuldades para o trato das questões sexuais. Elas atribuem a culpa dessa dificuldade aos seus próprios pais que, ao lidarem com a sexualidade, utilizavam o silêncio absoluto, tinham atitudes repressivas, de proibições, provocando sentimentos de culpa, insegurança e vergonha frente às questões sexuais.

O típico nas questões sexuais ainda parecem ser o silêncio e as atitudes repressivas, embora alguns pais digam que respondem com facilidade as perguntas dos filhos sobre o assunto.

Considero que a dinâmica do diálogo requer uma disponibilidade interna por parte de cada pessoa para compreender o outro e para se fazer compreender.

Assim, apesar da educação sexual desses pais, permeada de tabus, preconceitos e com um forte enfoque repressivo, a capacidade de escolha, o livre arbítrio e suas experiências na relação social do dia-a-dia, no mundo da vida fazem com que alguns deles continuem a ter dificuldades para discutir assuntos sexuais, enquanto outros já tratam com mais naturalidade as questões ligadas à sexualidade.

Os pais atribuem à herança recebida de seus predecessores o fato de omitirem informações sobre assuntos sexuais. Nas entrelinhas de suas falas, percebo que ainda carregam o estigma de que a sexualidade seja algo proibido, estranho, misterioso.

A *motivação-porque*, ao sedimentar a ação do pais no presente vivido, toma-se base para seus projetos futuros. Por constituir as razões pelas quais agem desse modo, esses pais



enfatazaram o contexto em que foram educados para a vida sexual.

Apesar de terem vivido num ambiente em que se evitava o diálogo sobre as questões sexuais e em que as ações educativas na família e na escola centravam-se no aspecto biológico da sexualidade, esses pais, ao trazerem a reflexão para o tempo presente, já demonstram ter uma maior abertura para o diálogo com os seus filhos.

A categoria **DIÁLOGO** representa um dos *motivos-para* de pais ao educarem seus filhos adolescentes para a sexualidade. Embora considerem relevante que é preciso promover a abertura de diálogo com os filhos sobre as questões sexuais, muitos deles não sabem como fazer isso. Esses pais deixam clara a seguinte interrogação: como dialogar sobre as questões sexuais, se não vivenciamos essa experiência?

Ainda que a maioria dos pais não tenha recebido informações sobre a sexualidade, vi emergir de suas vivências, em diferentes graus, desde aqueles que não conseguem sequer mencionar o assunto até aqueles que buscam informações e se dizem abertos para o diálogo com os filhos, quando o assunto é sexualidade e educação sexual.

Algumas pessoas ainda repetem o comportamento de seus pais e mestres evitando o diálogo. Outras se limitam a responder perguntas dos filhos e falam pouco, aproveitando alguma situação criada pela mídia para alertar sobre algum aspecto considerado importante a respeito da sexualidade. Mas a maioria dos pais que consegue conversar com os filhos sobre o assunto, o faz tendo, como base, o aconselhamento.

Seus conselhos têm como parâmetro um determinado conceito de certo/errado que herdaram como conhecimento social e, desse modo, visam a levar o filho a escolher viver a sexualidade dentro desses parâmetros sedimentados em sua bagagem cultural.

Na categoria **VIDA COM O OUTRO**, vemos que a preocupação central dos pais parece ser a iniciação sexual prematura de seus filhos adolescentes e suas conseqüências, tais como: as doenças sexualmente transmissíveis - especialmente a AIDS por seu caráter fatal - além da gravidez precoce.

Apesar de as relações humanas serem consideradas dinâmicas e a sexualidade um todo intelectual, emocional, sócio-histórico na percepção desses pais, os aspectos biológicos que realçam os princípios do planejamento familiar e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis ainda prevalecem como relevantes, em detrimento do leque inesgotável de aspectos a serem considerados na educação para a vida sexual.

A mudança observada na dinâmica familiar que vivenciamos hoje, final de milênio, apontando para casamentos sem a solidez própria ao início do século, parece mostrar-se presente no discurso desses pais. Embora alguns deles expressem, verbalmente, o desejo de que os filhos cheguem ao casamento, principalmente as meninas, a maioria desses pais não se referiu a palavra "casamento" ao falar sobre o modo de viver a sexualidade.

A categoria **CASAMENTO** mostra que o mesmo ainda é pensado como reduto do exercício sexual, já que de suas falas emergiu a relação pai, mãe e filhos, constituindo-se o modo tradicional e responsável de exercer a sexualidade.

Por outro lado, uma grande parte dos pais não mencionou a palavra "casamento", mas apontou a preocupação com as conseqüências da atividade sexual prematura e fora de um relacionamento mais estável. A sexualidade e a gravidez fora do casamento e ainda, a iniciação sexual precoce são mencionadas como problemas por esses pais.

Assim, pais que educam os adolescentes para a vida sexual desejam prepará-los para viver a sexualidade com o outro de modo responsável, e não prematuramente.

### **Compreendendo as vivências tipificadas de adolescentes que são educados para a vida sexual**

Os adolescentes, ao serem abordados sobre como é o modo de agir de seus pais em

relação à sexualidade, exteriorizaram, verbalmente, suas vivências que apontaram para um clima não promissor ao diálogo sobre o assunto entre pais e filhos.

As experiências relatadas demonstraram que os adolescentes percebem que os pais falam muito pouco sobre a sexualidade, limitando-se a alertar e a dar conselhos, além de demonstrarem não saber muita coisa sobre assuntos sexuais.

Essa situação cria um desejo nesses adolescentes de que haja uma relação comunicativa entre eles, proporcionando-lhes maior segurança para que possam viver a sexualidade plenamente.

A categoria **RELAÇÃO COMUNICATIVA** é composta por falas que evidenciam a necessidade de saber mais sobre a vida sexual.

Os adolescentes não compreendem por que os pais são *legais* em outros assuntos, estão atentos e querem participar ao máximo de suas vidas, mas, em se tratando de assuntos sexuais, permanecem omissos.

O filho parece não compreender essa postura dos pais. Alguns dos adolescentes atribuem a omissão e a dificuldade no trato da questão à falta de conhecimentos e ao medo dos pais de que a informação estimule o exercício sexual, enquanto outros as relacionam à vergonha de conversar sobre o assunto e, até mesmo, ao fato de os pais serem *fechados* ao diálogo.

Os adolescentes lamentam esse comportamento de seus pais, embora relatem não se sentirem encorajados a se aproximar e buscar o diálogo.

A categoria **ATO SEXUAL** congrega os projetos dos adolescentes em relação às necessidades educativas sobre a vida sexual.

Os adolescentes querem esclarecer suas dúvidas e se preparar para o exercício da sexualidade embora confessem vergonha, medo e receio de conversar com os pais sobre as questões sexuais, desejam que estes tomem a iniciativa do diálogo e façam esclarecimentos detalhados sobre a vida sexual.

A reflexão das experiências vivenciadas por adolescentes mais velhos, durante os primeiros anos da adolescência, fez emergir de suas falas a necessidade de orientação sexual precoce, ou seja, bem antes da iniciação sexual.

Na categoria **DESINFORMAÇÃO**, os adolescentes exteriorizaram a necessidade que sentiram de informações sobre a sexualidade no início da adolescência, já que esse é o momento, segundo eles, de preparação para iniciar a vida sexual.

Em suas falas, os adolescentes já iniciados sexualmente dispensam as orientações dos pais, considerando *tarde demais*. No entanto, ainda assim, desejam que os pais os apoiem, mesmo que por meio de conselhos. Porque apesar de afirmarem que já sabem muito sobre a vida sexual, ainda dizem ter muitas dúvidas e querem os pais sempre próximos.

Os adolescentes referem-se à escola e à televisão como meios de obtenção de informações, mas priorizam os pais como fonte segura dessas informações.

Assim, o adolescente quer receber, o mais cedo possível, as orientações sobre a sexualidade, de preferência no âmbito familiar, na relação pais e filhos.

### **A relação pais/adolescentes**

A análise comparativa entre os tipos vividos "*pais que educam adolescentes para a vida sexual*", e, "*adolescentes que são educados para a vida sexual*", baseia-se na análise da congruência ou não da *motivação-para* e *motivação-porque* dos sujeitos envolvidos nessa ação.

A sedimentação de conhecimentos de pais a respeito de suas experiências da vida sexual constitui os contextos de significados que os levam a agir com os filhos frente à educação para a sexualidade.

Esses contextos de significados impulsionam os pais para projetar um nível maior de diálogo com seus filhos sobre o assunto, embora no dia-a-dia esse diálogo ainda pareça

insuficiente para os adolescentes.

A *motivação-para* dos pais parece coincidir com a *motivação-para* dos filhos adolescentes, os quais esperam de seus pais um maior diálogo sobre a vida sexual.

Existe uma reciprocidade de perspectiva quanto à necessidade de implementar o diálogo e torná-lo mais eficiente frente às questões sexuais.

Contudo, enquanto os pais estão preocupados em retardar a iniciação sexual de seus filhos para que não tenham que enfrentar as conseqüências dela, o adolescente quer receber informações detalhadas para iniciar-se sexualmente de modo seguro e feliz.

A perspectiva dos adolescentes com relação à questão da prevenção de problemas na vida sexual parece ir além da perspectiva dos pais, já que, em suas falas, aqueles mostram a preocupação com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e outros transtornos e deixam claro que as informações devem servir, também, de preparo para o relacionamento sexual.

A possibilidade do casamento é um ponto comum na projeção de alguns pais e de alguns adolescentes, embora os pais que citaram o casamento tenham sido os pais de meninas, da mesma forma, entre os adolescentes, somente as meninas se referiram ao casamento.

Tal situação pode estar ocorrendo, ainda, devido a resquícios de uma educação conservadora, na qual à mulher foi destinado o casamento como único modo permitido para que ela exerça sua sexualidade, sem culpas. Esse contexto de significados pode estar impulsionando algumas mães a ver no casamento uma meta para a vida de suas filhas.

Penso que a transmissão de valores e a atribuição pelo adulto de um certo sentido à sexualidade tendem a aproximar o modo de sentir e viver a sexualidade tanto para os adolescentes quanto para os pais.

Embora alguns pais e algumas filhas adolescentes mencionem o casamento como projeto de vida, parece haver uma divergência de perspectivas entre as gerações, já que os pais vêem o casamento como modo de viver a sexualidade, responsabilmente, enquanto as adolescentes, pelo menos nesse momento de suas vidas, não pensam em se casar, e sim, em *ser uma pessoa feliz* (Joice), *saber me divertir* (Kátia).

Não posso afirmar que os pais e os adolescentes que não mencionaram o casamento, não tenham em vista ver os filhos casados e se casarem, respectivamente. O que percebi em suas falas é que tanto os pais como os adolescentes, no presente vivido, estão mais preocupados com as possibilidades mais próximas do exercício sexual, sendo o casamento ou não, uma alternativa para um futuro mais distante.

O presente vivido dos adolescentes, a exemplo do que ocorreu com os pais, tem como base as lembranças passadas da ausência de orientação sexual, no momento considerado por estes como mais relevante, ou seja, antes da iniciação sexual. A falta, praticamente total, de informações sobre a sexualidade, presente no passado dos pais, converge, pelo menos em parte, em relação à vida dos adolescentes hoje.

As categorias **DESPREPARO** e **DESINFORMAÇÃO** congregaram o invariante que emergiu, tanto na fala de pais como na fala de adolescentes, como as razões que trazem dificuldades no trato das questões sexuais vivenciadas no presente e projetadas para o futuro.

Se considerarmos que o contexto de significados vivenciados por pais e adolescentes frente às questões sexuais é fortemente impregnado por preconceitos herdados de predecessores e que ambos estão vivenciando experiências e processos de desenvolvimento diversos, vislumbraremos, em conformidade com o pensamento de Schütz, que somente a ação constante de um sobre o outro na relação social do tipo interativa poderá levar ao amadurecimento e à mudança de comportamento de ambos.

## UMA NOVA PERSPECTIVA PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE E EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DA FENOMENOLOGIA SOCIAL DE ALFRED SCHÜTZ.

O saber que emergiu do vivido das pessoas envolvidas nas ações de educação sexual, neste estudo, aponta para o desejo da discussão em relação ao tema, embora, no dia-a-dia, essa discussão não seja uma realidade constante.

A necessidade de comunicação entre as pessoas deixou claro que a educação sexual é uma temática que deve ser trabalhada, prioritariamente, na situação de face a face, viabilizada pela relação social do tipo familiar, escolar, que propicia um contato mais duradouro. A relação social do tipo face a face permite a compreensão mais aprofundada de cada um de nós em relação ao outro, diretamente, sem intermediários.

Portanto, os projetos educacionais implementados na escola devem incluir os pais, que parecem carecer de suporte para iniciar e dar continuidade ao debate de assuntos sexuais na família.

Essa integração – pais/adolescentes/escola – poderá tornar as ações de orientação sexual na escola e na família mais eficazes, fazendo com que os temas sexuais deixem de ser considerados complicados e perigosos, passando a ser encarados por todos, com mais naturalidade, como motivo de alegria, e não de angústia, culpa e sofrimento.

O educador em saúde, especialmente em enfermagem, precisa buscar nas pessoas com quem interage o significado que a ação em questão tem para elas, enquanto sujeitos que estão vivenciando aquela situação, aquele momento ou aquele conflito. Só assim, a ação do enfermeiro ou de qualquer outro educador em saúde poderá ter algum sentido para a clientela.

A atitude do educador, valorizando a outra pessoa como parte igualmente importante da interação social obtida a partir da situação de face a face na ação educativa, poderá tornar esse momento de aprendizagem mais dinâmico e com perspectivas de mudanças de comportamento frente às questões sexuais.

A Fenomenologia Social de Schütz, mais que uma teoria compreensiva da ação social, aponta, neste estudo, para uma ação profissional em saúde e educação, alicerçada em novas bases, ou seja, a priorização para a relação social participativa, buscando junto à pessoa seus motivos existenciais que levam ao comportamento social frente às questões sexuais.

Segundo essa abordagem teórico-metodológica, o profissional se dirige para o cliente e age sobre ele e vice-versa. Ambos têm a possibilidade de promover mudanças, uns nos outros, obtendo como saldo um crescimento mútuo e não apenas unilateral.

Essa mudança se dará a longo prazo e, muitas vezes, de modo imperceptível e imensurável. Porém, trata-se de uma mudança que se fundamenta na reflexão no nível do senso comum<sup>8</sup> que me permite ir além do simples vivê-lo e, ainda, compreender o *para que* e o *porquê* de estar vivendo daquela maneira e não de outra. Essa atitude poderá se refletir na qualidade de vida das pessoas hoje, no futuro próximo e num futuro mais distante.

Na questão da sexualidade e educação sexual, a mudança que se deseja é fruto da relação social estabelecida entre pais e filhos, pessoa a pessoa, visando à reflexão dos conhecimentos herdados e adquiridos nas experiências vividas no dia-a-dia.

Aponto as concepções de Schütz sobre a ação humana como uma nova perspectiva de trabalho educativo junto aos clientes, frente às questões sexuais, ocasião em que o enfermeiro em interação com o outro, ao planejar a ação educativa, buscará o sentido que esse outro dá à situação vivenciada, num determinado momento vivido, passado e presente, com vistas ao futuro.

---

<sup>8</sup> Em Schütz, o mundo do senso comum é o mundo intersubjetivo; esfera comum da vida que é campo da ação humana.



---

**ABSTRACT:** This study had as reference the phenomenological sociology of Alfred Schütz. This author had as purpose understanding parents and adolescents' behavior towards sexual education. The phenomenological interview, used to gather data from parents and youngsters, allowed the understanding of the types: "parents who educate adolescents for sexual life" and "adolescents who are educated for sexual life". The comparative analyses of these two types showed the need of implementing a dialog about sexual life among parents and teenagers enabling the youngsters to have a satisfying and safe sexual initiation. The comprehensive social action theory by Schütz was presented, in this study, as an educational health strategy. According to the author, there is a need of considering the person's inner existential preoccupations in order to understand his/her social behavior towards sexual matters.

---

**KEYWORDS:** sexual education, health education, nursing, phenomenology

---

**RESUMEN:** Se trata de un estudio fundamentado en la Sociología Fenomenológica de Alfred Schütz, el cual tuvo como intento comprender lo típico de las actitudes de padres y adolescentes frente a la educación para la vida sexual. Las declaraciones obtenidas por medio de la entrevista fenomenológica permitieron comprender los tipos vividos "*padres que educan adolescentes para la vida sexual*" y "*adolescente que es educado para la vida sexual*". El análisis comparativo entre esos dos tipos constituidos posibilitó identificar la necesidad de implementación de un diálogo sobre la vida sexual en la relación padres/adolescentes, con vistas a la iniciación sexual segura y feliz. La teoría comprensiva de la acción social de Schütz fue presentada en este estudio, como una estrategia de educación en salud, al considerarse, como apunta ese autor, la necesidad de que se busque en la propia persona sus motivos existenciales, que la llevarán a un tipo de comportamiento social frente a las cuestiones sexuales.

---

**PALABRAS CLAVE:** educación sexual, educación en salud, enfermería, fenomenología.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, T.J. *A sexualidade no mundo ocidental*. Campinas: Papyrus, 1995.
- CAPALBO, C. *Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schütz*. 2. ed. Londrina: UEL, 1998.
- CAVALCANTI, R. da C. Educação sexual no Brasil e na América Latina. *Rev. Bras. Sex. Hum.*, v. 4, n.2, p.164-73, 1993.
- GUIMARÃES, I. *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- JESUS, M.C. P. de. *A educação sexual na vida cotidiana de pais e adolescentes: uma abordagem compreensiva da ação social*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.
- PARGA NINA, L. (Coord.) *Estudo das informações não-estruturadas do ENDEF e de sua integração com os dados quantificados*. Rio de Janeiro: IBGE, 1976. Parte 1.
- RODRIGUES, B.M.R.D. *O cuidar de crianças em creche comunitária: redimensionando o treinamento numa perspectiva compreensiva*. Rio de Janeiro, 1996. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SCHÜTZ, A. *Fenomenologia del mundo social: introducción a la sociologia comprensiva*. Buenos Aires: Paidós, 1972.



\_\_\_\_\_. *El problema de la realidad social*. Buenos Aires: Amorrortu, 1974a.

TIBA, I. *Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações*. 5 ed. São Paulo: Gente, 1994.

TOCANTINS, F.R. *As necessidades na relação cliente-enfermeiro em uma unidade básica de saúde: uma abordagem na perspectiva de Alfred Schütz*. Rio de Janeiro, 1993. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

VITIELLO, N. *Reprodução e sexualidade: um manual para educadores*. São Paulo: CEICH, 1994.

\_\_\_\_\_. A educação sexual necessária. *Rev. Bras. Sex. Hum.*, v.6, n.1, p.15-28, 1995.